

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira, E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00

Assinatura anual 20\$00

ANO XIX

JULHO 1958

N.º 142

A luz brilha resplandescente na Divisão Sul-Europeia

por M. V. Campbell
Presidente da Divisão



Quando a Divisão Sul-Europeia foi organizada em 1928, o seu nome correspondia à descrição do território. Com o decorrer dos anos, foram-se acrescentando, paulatinamente, outros campos, de modo que hoje o nome já nos dá uma ideia limitada do seu território. É a única Divisão com território em três Continentes. Inclui muitos dos países da Europa, quase metade do continente africano, uma pequena parcela na Ásia, e ainda território no Oceano Índico. Compreende países dominados pelo Papado, pela Igreja Católica Grega, pelo Judaísmo e pelo Paganismo.

Nos territórios europeus da nossa Divisão há países, onde os nossos ministros têm completa liberdade, e outros, onde a liberdade religiosa está muito cerceada.

A mensagem já penetrou nas capitais dos países europeus; mas há ainda, várias outras grandes cidades da Europa, em que é quase totalmente desconhecida.

Há uns trinta anos, um dos nossos evangelistas na Itália via que o seu trabalho estava deparando com enormes dificuldades, porque, em todas as reuniões havia dois polícias que observavam e registavam o que se passava. Pois estes dois polícias acabaram por se converter à mensagem. Há três anos, no primeiro serviço de ordenações que efectuei na Europa, o filho de um destes polícias foi consagrado ao Evangelho.

Senhor! Salva-nos... que perecemos...

Num país, onde os nossos ministros estão proibidos de realizar serviços evangelísticos, um dos nossos leigos, farmacêutico, obtinha grandes êxitos convertendo almas para o Senhor. Foi porém desterrado para uma pequena aldeia, distante da sua terra, vinte e cinco milhas. Durante quatro anos preparou nove pessoas para o baptismo. As autoridades receando que, se o desterrassem para outra terra, ali prégasse também a mensagem, resolveram mandá-lo regressar à primeira terra.

Um dia, foi à farmácia deste nosso irmão, uma senhora que lhe perguntou se ele tinha algum remédio que pudesse ajudar a vitória do filho sobre o álcool, a que ele se abandonava. O nosso irmão disse-lhe que lhe mandasse o jovem, no outro dia, à farmácia. Efectivamente, o jovem alcoólico lá foi e os dois conversaram demoradamente; o nosso irmão falou-lhe de Jesus; depois de várias considerações perguntou-lhe: «Acredita ou não que Jesus é capaz de o tirar a si desse mau hábito». O jovem respondeu: «Acredito». Os dois oraram em conjunto, e desde aquele dia o jovem nunca mais bebeu. Este caso foi divulgado no bairro onde o jovem residia, e os seus habitantes começaram a interessar-se pela verdade. De novo as autoridades pensaram que tinham de desterrar o nosso irmão; mandaram-no sair; foi para outra cidade, onde constituiu uma igreja!

O número de novos convertidos que se baptizam na nossa Divisão vai aumentando, todos os anos. Estamos confiados em que não virá longe o tempo em que a Europa se tornará numa forte base da Mensagem e que poderá fazer face sòzinha aos seus encargos, que actualmente ainda são auxiliados pelos nossos irmãos Americanos.

A secção asiática

O nosso território na Ásia, limita-se a Israel, que não cobre grande extensão nem é muito povoada. Mas é uma das secções mais interessantes no mundo, pela sua associação com os patriarcas

e profetas do Antigo Testamento e com o Senhor Jesus e os apóstolos nos dias do Novo Testamento.

Embora a tarefa seja difícil, Deus, tem abençoado o trabalho de ganhar almas em Israel e é com prazer que informamos que o número de membros vai aumentando. Ainda há pouco tempo se baptizaram oito pessoas no lago de Maria Madalena, na velha cidade de Magdala.

Presentemente, temos uma igreja organizada, e apenas um edifício de igreja, em Jerusalém. Durante o corrente ano projectamos construir um edifício para os serviços da missão incluindo um vasto salão, na cidade de Nazaré, que é decerto um dos lugares de grande predilecção para o Salvador.

Também na África o nosso trabalho está avançando entre Cristãos, Maometanos e Pagãos.

A obra em Angola

Em Angola, o nosso trabalho está bem estabelecido com fortes estações missionárias. A província portuguesa de Angola possui cidades modernas, em quatro das quais possuímos igrejas europeias. O trabalho é difícil naquelas plagas africanas, devido ao paganismo. O trabalho está prosperando e os baptismos em Angola estão na casa dos mil e quinhentos por ano.

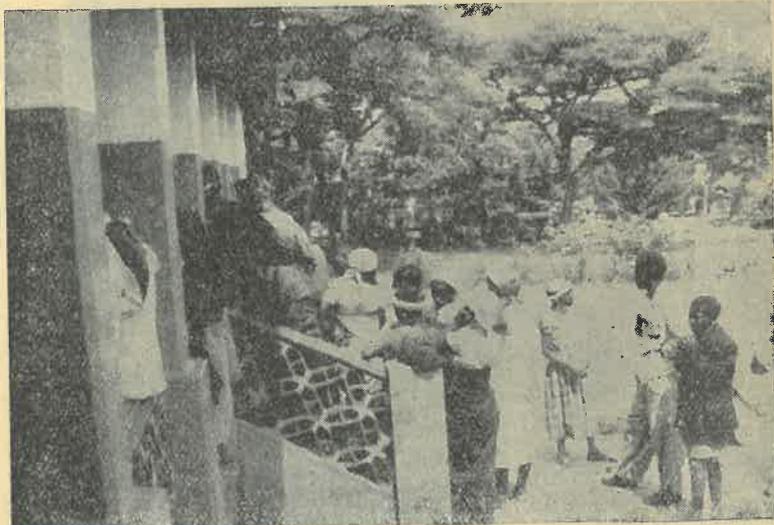
Decerto que o missionário mais

conhecido em toda a província de Angola é o Dr. R. B. Parsons, que já trabalha no Bongo há cerca de 30 anos. Quando para ali foi, o Bongo pertencia à selva, muito longe da civilização. Estabeleceu ali um trabalho médico para a população africana, mas bem depressa começaram a acorrer os habitantes brancos — funcionários públicos e pessoas de todas as classes sociais. É certo que durante estes anos se abriram hospitais modernos nas cidades de Angola, mas os doentes de toda a província acorrem ao nosso hospital do Bongo, em tal número, que algumas empresas já construíram hotéis precisamente junto da nossa propriedade, para receberem as pessoas que se dirigem ao nosso hospital.

O avanço em Moçambique

Os nossos missionários já há alguns anos que entraram na África Ocidental Portuguesa, onde temos, em Mungulúni uma boa estação missionária. Esperamos alargar o nosso trabalho.

Os nossos convertidos nativos moçambicanos são activos no avanço da mensagem. Um jovem chamado Sardinha aceitou a verdade na nossa Missão de Mungulúni. Tendo ouvido dizer que havia interesse pela mensagem, num lugar a cem milhas de distância e que



No hospital do Bongo, à hora da consulta

não havia obreiro disponível, o irmão Sardinha partiu para lá, espontaneamente, para pregar a Verdade. Como é carpinteiro, ali abriu também uma oficina; desde o início que estabeleceu o trabalho evangelístico entre a população.

Quando o pastor A. C. Lopes, director da estação missionária, acompanhado dos Irmãos M. Fridlin e J. J. Aitken, da Divisão, visitaram há tempos, a região, contemplaram admirados uma bela estação missionária incluindo uma capela com 300 lugares. Hoje esta capela já é pequena para conter todos os que desejam ouvir a Mensagem. Já foram baptizadas muitas pessoas, e há centenas de

outras que se preparam para serem baptizadas. O irmão Sardinha é o homem mais feliz naquela parte do mundo.

Por toda a parte se nota grande entusiasmo para o trabalho, para apressar a Volta do Salvador.

O território da nossa Divisão Sul-Europeia tem uma população de cerca de 300 milhões — outras tantas almas por quem Jesus morreu. E quão poucos acreditam n'Ele e se estão preparando para a Sua volta! A tarefa que temos diante de nós é grande. Representa um convite, uma solicitação não só para cada membro do nosso território, mas também para os Adventistas de todo o mundo.

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

Também na antiga Nazaré!...

Na antiga cidade de Nazaré — onde o Salvador passou a maior parte da sua vida — estamos a construir uma nossa igreja e edifícios para os serviços de direcção para o trabalho que se está efectuando na Galileia.

O valor da página impressa

Na América do Sul um dos nossos jovens missionários voluntários quando distribuía convites para uma conferência entregou um, numa determinada casa. Soube-se mais tarde que uma senhora que recebeu, em casa, aquele convite, tinha acabado de preparar um veneno; foi à reunião; voltou, baptizou-se; foi ela quem contou o que lhe acontecera.

A Televisão ao serviço da Mensagem

A estação WHDH-TV (canal 5) de Boston inclui nas suas emissões o nosso programa «A Fé para Hoje» que é presenciado por seis milhões de pessoas. Este nosso programa é televisionado de graça, por aquela estação, que possui a torre mais alta de antenas na Nova Inglaterra. Cerca de 150 outras estações de televisão também apresentam, de graça, o nosso programa, porque, como elas mesmas

dizem, este nosso Programa «A Fé para Hoje» é um bom reclame para que os telespectadores sigam os restantes programas daquelas estações de TV.

O baptismo dum carteiro

Perto do escritório da Escola Rádio-Postal da Voz da Profecia, em Florença, há um marco do correio, onde são depositadas as cartas e outra correspondência daquela nossa Escola. A verdade é que o correio da Escola Rádio-Postal de Florença é bastante volumoso, o que arrelhiava sobremaneira o carteiro encarregado de recolher a correspondência daquele marco. Um belo dia apresentou-se no escritório da Escola Rádio-Postal para se queixar do grande número de cartas que o obrigavam a transportar. O descontente carteiro foi recebido, mui amavelmente, pelo director da Escola Rádio-Postal que lhe explicou em que consistia o curso, acrescentando que por toda a Itália — e em muitos outros países — havia grande interesse pelo estudo das Sagradas Escrituras, por aquele processo, que era absolutamente gratuito; falou-lhe também das emissões de rádio, de modo que o carteiro se entusiasmou e começou a seguir o Curso Bíblico. Acaba de ser baptizado, com a esposa, na nossa igreja de Florença.

JESUS TE CHAMA...

Irei dar com muita satisfação, umas preciosas notícias do meu campo, da Colportagem de Braga: a todos amados Irmãos da fé Cristã, e aos prezados leitores da nossa Revista Adventista.

E pois com amena alegria, que se vê o poder do evangelho: aqui, ali, além; modificar mentes, corações e vidas humanas para Deus.

Aqui nesta cidade, há uma família que se compõe de sete belas almas: Pai, Mãe, cinco filhos; as três mais velhas estão seguindo o nosso Curso Bíblico da E. R. Postal de Lisboa; e já chegaram pela graça e ajuda de Deus, à 16.^a lição do curso. Através destas lições já têm desfrutado muito da Palavra de Deus, têm vindo a minha casa para o estudo e oração que fazemos juntos! E, estão radiantes para chegar até ao fim.

Estão prontas a dar o cumprimento à passagem de Apoc. 18:4, que pede que toda a alma seja breve a sair da Babilónia, como Lot de Sodoma; e espero em Deus que já não irão fazer como a mulher de Lot: olharem para trás. Ora, este ano, foram a minha casa, e a desta família as únicas no meio dumas 30.000 e tal almas, que aqui há nesta cidade, que já não deram entrada ao Senhor Morto do Crucifixo, «Pela Páscoa!» Não se pode dizer já, que foi o poder do Evangelho?... «Graças a Deus que Sim!»

Todos fomos muito olhados, e falamos, por praticarmos tal hereticidade, mas por amor a Jesus tudo ouvimos, perdoamos, e não nos ralamos. «Sabido está que aqui moramos na Roma Portuguesa...»

A prezada Aluna, que escreve as lições, anda muito ansiosa para ir ao Porto, à nossa Igreja, para ver uma cerimónia baptismal; e da Santa Ceia!...

Trabalha numa Camisaria; lá já luta em favor dos Mandamentos de Deus, e tem enchido as mãos de folhetos de verdades eternas,

«QUE PESSOAS VOS CONVÊM SER...»

«E ouvi uma grande voz no céu que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo» (1). Um homem de ciência declarou recentemente: «Vivemos nas trevas da noite atômica». Não somos só nós a dizer que vivemos num tempo perturbado. Todos os homens são, de uma maneira ou de outra afectados pelos acontecimentos estranhos que marcam a nossa época. Estas coisas anunciam que a humanidade dentro de pouco tempo terá atravessado o seu comprido túnel. Os Adventistas anunciam ao mundo em aflicção uma mensagem de esperança: Jesus volta! Não há atrasos no desenrolar do plano de Deus. Aproxima-se a hora da verdade, inexorável para todo o mundo. Temos a convicção de que o fim de todas as coisas está às portas. Está a findar o tempo da graça. Deus vai intervir nos negócios dos homens para pôr um termo às suas paixões e aos seus sofrimentos. O pano vai descer, dentro em breve, sobre a história do mundo, e assistiremos ao brilho fulgurante da luz celeste que o advento de Jesus produzirá.

Estando convencidos desta verdade, os Adventistas deveriam pôr-se a si mesmos a questão com a qual S. Pedro termina a sua exposição sobre os acontecimentos do fim: «que pessoas vos convém ser ... aguardando e apressando-vos para a vinda do dia de Deus».

Ora, o que é de admirar, o que parece extraordinário, nesta conjuntura importante, é o não sermos todos sacudidos, como povo de Deus. É certo que há membros nas nossas igrejas que se sentiram abalados até ao mais íntimo da alma, e que manifestam um novo fervor espiritual e mais zelo pela causa de Deus. Que Deus abençoe estes fiéis que retêm a fé e a gloriosa esperança! Praza a Deus que, como povo adventista, sejamos todos realmente sacudidos pelas manifestações surpreendentes do

nosso tempo! Estamos na idade do átomo e do satélite artificial, no tempo, em que segundo o profeta Daniel, o conhecimento aumentou. Sendo assim, onde está o zelo novo, o novo fervor, a nova consagração das nossas forças e das nossas vidas a Deus para dar mais poder ao nosso testemunho? Não podemos negar o facto de que ainda não despertamos do nosso torpor. Ainda não ouvimos dizer que um grande grupo de membros, sacudidos pelos sinais, cujas testemunhas somos, tenha rompido com a vida rotineira para tentar, com a ajuda de Deus, e sem negligenciar a dignidade que convém à sua obra, alguma coisa de novo e de vigoroso, alguma coisa mesmo de audacioso, para Deus.

Porque diremos, como a igreja de Laodiceia, que tudo vai bem, quando sabemos que não é verdade? Que diriam os nossos pioneiros se pudessem visitar agora os nossos lares e as nossas igrejas? Que é que eles veriam na nossa casa? Como estamos nós com a observância dos preceitos sagrados da Verdade? Como guardamos os Mandamentos de Deus? Observamos nós escrupulosamente o santo Sábado do Eterno? No mundo, este dia tornou-se para muita gente o «fim de semana» dos prazeres e das satisfações pessoais. A nossa observância deste dia será porventura parecida como a que se concede geralmente ao domingo? Damos nós a Deus os dizimos e as ofertas que Lhe pertencem, ou dispomos deste dinheiro à nossa vontade?

Há membros que estão cansados de ouvir falar da próxima vinda do Senhor. Há tantos outros que frequentam irregularmente os cultos. Outros ainda, prestam ouvidos às especulações filosóficas, às fábulas orientais e aos raciocínios sofisticados dos racionalistas, Também muitos outros estão em perigo de perderem a certeza da mensagem e as garantias do Evangelho.

Para alguns, o facto de se unir

à igreja adventista implica apenas o abandono de um ou outro pecado público. Sabem que devem renunciar às formas avançadas ou chocantes do mal. Esperam vir a ser, mais cedo ou mais tarde, um pouco mais sérios.

Mas não conhecem a transformação profunda e poderosa que a Bíblia apresenta como é a verdadeira conversão. Não conhecem o novo nascimento cristão. Para eles a convicção do pecado é uma teoria. Nunca experimentaram o sentimento de serem miseráveis e de estarem perdidos, e portanto não conhecem a alegria do perdão e da salvação. O novo coração, a nova vida, as novas esperanças, as novas alegrias, os novos objectivos da vida, tudo isto lhes é estranho.

A vida religiosa de muitas pessoas é um entretecido de compromissos; com uma das mãos procuram agarrar a Cruz e com a outra agarram-se ao mundo. Aceitam certas formas cristãs, mas conservando do mundo o que lhes agrada. Oram pouco e desejam também viver satisfeitos com o mundo, de acordo com a concepção que têm do Cristianismo. Esforçam-se em vão de pôr de acordo a luz e as trevas, a espiritualidade e o mundanismo, o céu e o inferno.

Tocamos, aqui, na raiz da maior parte das dificuldades que surgem nas nossas igrejas. Resultam elas de uma concepção anti-escriturística e superficial da conversão a Jesus Cristo. Esta falsa concepção afecta a vida inteira do indivíduo. Afeição os caracteres; domina a conduta; torna fracos e vulneráveis aqueles que a possuem; cauteriza-lhes a consciência. Até pode contaminar a igreja. Não há estabilidade cristã onde a conversão não for autêntica. Se não tivermos experimentado pessoalmente aquilo que Jesus chama o novo nascimento, edificá-mos sobre a areia e não sobre a rocha, e é vã a nossa esperança da vida futura.

Deplorando com profunda tristeza as nossas deficiências e as nossas infidelidades, devemos lembrarmo-nos de que o «Igreja Remanescente», apesar das suas imperfeições, ainda é aquilo que Deus tem de mais caro na terra. Todas as potências do céu trabalham para a purificar. Bem depressa O Senhor poderá apresentar ao Pai uma igreja pura e sem mancha. Uma reforma está anunciada para os últimos dias: «Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus, e o que o não serve» (3). O Senhor suscitará homens humildes, como Esdras e os seus companheiros, homens «a quem as palavras do Deus de Israel faziam tremem», homens «que tremem ao mandado do nosso Deus» (4). Deveríamos meditar na oração de Esdras: «E disse: Meu Deus! Estou confuso e envergonhado para levantar a Ti a minha face, meu Deus: porque as nossas iniquidades se multiplicaram sobre a nossa cabeça e a nossa culpa tem crescido até aos céus» (5). É inútil procurar esconder o nosso verdadeiro estado moral e espiritual. Seria aumentar a nossa própria culpabilidade. O Espírito de Profecia declara: «A indiferença para com a vida cristã é um renegar manifesto do Salvador» (6). Ainda há muitas pessoas que não vêem que se aproxima o tempo, em que, segundo a promessa de Deus, os ventos serão soltos para realizarem a obra de destruição. Antes que se desencadeie esta tempestade, asseguremo-nos da clemência do nosso Pai celestial. Que cada um se examine a si mesmo, a fim de saber se a sua conversão é real.

Nós pretendemos que a mensagem que anunciamos é o remédio soberano para a angústia humana e que também prepara o povo que aclamará o Senhor quando voltar. Se acreditamos no que afirmamos, é necessário que isto mesmo seja atestado por uma transformação da nossa própria vida. Não podemos oferecer aos outros um remédio que não tenha sido eficaz para nós. É necessário que o Evangelho eterno nos tenha curado do amor

do mundo. É preciso que nos libertemos do domínio do pecado. Se ainda não conhecemos esta renovação do espírito e do coração — se participamos nos mesmos prazeres que os mundanos, se comemos ou bebemos, como eles, se nos vestimos da mesma maneira, se temos a mesma linguagem, se frequentamos os mesmos espectáculos e se gostamos das mesmas leituras e conversas, se nos cercamos da mesma qualidade de amigos — perguntamos seriamente, que valor, que importância ligamos nós à religião que abraçamos? Que é que ela fez por nós? Que é que aproveita a qualquer pessoa fazer parte da igreja de Jesus Cristo, se continua a praticar voluntariamente coisas que sabe serem contrárias à vontade de Deus?

Uma vida conforme aos princípios do Evangelho e da igreja é a conclusão natural da verdadeira conversão.

É uma perda de tempo e de trabalho procurar pôr um adventista no seu devido lugar, mediante admoestações ou censuras. O fundo do problema diz respeito à conversão. A mensagem adventista é mais do que um conjunto de doutrinas e de ensinamentos; é mais que um conjunto de regras e de práticas; é mais que um código de leis; é mais que a proclamação da verdade bíblica. Esta vida particular é mais, do que qualquer outra coisa, a prova mais convincente a favor da verdade. Os que tiverem compreendido isto mesmo, os que tiverem aceitado a verdade como o poder que deve dominar todo o seu ser, não experimentam o sentimento de serem entravados pelas regras da igreja. A vida de Jesus resolve-lhes os problemas. Não têm o mínimo desejo de se afastar em nada da vontade de Deus. O pecado é-lhes odioso.

A conversão a Jesus não é uma frivolidade; é a experiência suprema da vida humana. Produz uma transformação radical da vida e da conduta. «Se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo» (7). A conversão é um acto de submissão, um acto de abandono, um acto de separa-

ção. É uma declaração pública das nossas intenções. O acto de submissão compreende a entrega do indivíduo a Jesus Cristo para só pertencer a Jesus. O acto de abandono significa: deixar o mundo para pertencer a Jesus. O acto de separação implica o afastamento voluntário de toda a pessoa, de toda a coisa, de todo o hábito, de toda a associação, que tenha uma influência duvidosa ou má sobre nós. A declaração pública é viver uma vida inteiramente consagrada a Jesus Cristo e à Sua obra na terra.

Entrar na igreja adventista é sair do mundo. Revestir-se de Jesus Cristo, é rejeitar tudo quanto se lhe opõe. Se nos queremos ligar aos princípios da igreja, devemos começar por nos convertermos realmente a Jesus Cristo. O que equivale a dizer que cada adventista deveria ser um verdadeiro cristão. É de resto aquilo mesmo que ele professa ser. Não basta que um membro de igreja seja sério, honesto; deve ser mais que sóbrio, moral e amável. Deve fazer mais do que estar de acordo com os sentimentos da igreja. Deve ser um homem novo, convertido, regenerado e salvo. Não basta que seja simplesmente um pecador despedido e convencido do seu pecado. Não deve desejar apenas tornar-se cristão. Não deve entrar na igreja com o desejo de ser convertido. Deveria ser um convertido de facto. A igreja foi designada para ser a assembleia dos verdadeiros convertidos e não um agrupamento dos que, por diversas razões, sentem o desejo de se tornarem cristãos.

Quando um homem entra na igreja adventista, declara pública e solenemente que aceitou realmente a Jesus como seu Salvador, que se arrependeu sinceramente dos seus pecados, que foi perdoado, que é uma nova criatura, e que, por consequência, é um cristão verdadeiro. É a única interpretação possível do acto que o uniu à igreja. É uma declaração solene e pública, feita pelo neófito, sobre o corpo mutilado e o sangue der-

A PRESENÇA DE DEUS

R. R. Cottrell

Os Israelitas conduzidos por Moisés dirigiam-se para a terra prometida. Estavam persuadidos, quando deixaram precipitadamente o Egito, de que a viagem seria relativamente curta e fácil e que entrariam bem depressa em Canaã. Quando acampavam no deserto do Sinai, Moisés subiu ao monte onde devia receber as Tábuas da Lei. Como a sua ausência se prolongava para lá do que eles esperavam, os filhos de Israel tiraram deste facto a conclusão errônea de que Deus os havia abandonado. Esta perda do sentimento da presença de Deus foi fatal para a sua visão espiritual e fê-los sossobrar na cegueira da idolatria. Este acto de apostasia separou-os de Deus e acarretou-lhes a seguinte ameaça: «...eu não subirei no meio de ti, porque és povo obstinado».

Vendo Moisés que seria rematada loucura continuar a viagem para Canaã sem a assistência de Deus, assim se dirigiu ao Senhor: «Se a tua presença não for conosco, não nos faças subir daqui». Êxodo 33:15. Tinha ele chegado à conclusão, por algumas das suas experiências, que a sabedoria humana nem a habilidade de ninguém seriam suficientes para conduzir Israel e que seria inútil tornarem-se a pôr em marcha sem terem a garantia da presença de Deus. Moisés, depois de ter empreendido uma profunda reforma, suplicou ao Senhor a favor do seu povo. Obteve então a seguinte resposta: «Irá a minha presença contigo para te fazer descansar.» Êxodo 33:14.

Moisés, profundamente consciente da sua própria indigência espiritual, e desejando sinceramente receber uma prova sensível da presença de Deus, manifestou o desejo de entrever a glória suprema do Senhor. Respondendo ao seu pedido, o Eterno proclamou diante dele o Seu carácter misericordioso.

Saídos do «Egipto espiritual» também nós estamos a caminho da Canaã celeste. Poder-se-á dar o caso de nos esforçarmos continuamente por progredir, sem que tenhamos a certeza de estarmos no caminho que Deus designou, e sem

termos a garantia de sermos dirigidos por Ele?

Sem a presença de Jesus, a oração e a leitura da Palavra de Deus estão privadas daquela centelha que lhes confere vida e poder. Isto é assim mesmo, no que diz respeito à piedade pessoal e ao culto do lar. Um dos objectivos da oração é o de nos dar o sentimento da presença de Deus, sem o qual a oração fica destituída de um dos seus elementos essenciais. A eficácia de uma oração não depende do seu comprimento, mas da sinceridade da intenção e da intensidade do desejo que a determinam. A oração é um momento em que o adorador tem realmente consciência da presença de Deus e está em comunhão com Ele; é também a renovação da intenção de conservar esta presença nos assuntos e relações da vida.

O mesmo se poderia dizer com respeito à hora do culto do Sábado de manhã. A beleza do santuário, o serviço cuidadosamente preparado e efectuado, as palavras da graça que aí são pronunciadas, tudo isto convém ao momento solene. Contudo o que é mais importante, é que tanto os que dirigem o culto, como os que assistem estejam conscientes da presença de Deus, tanto no santuário como nos seus próprios corações. Foi num Sábado de manhã, quando entrava no Templo, que o profeta Isaías teve a visão da glória divina. Deu-se conta imediatamente da sua indignidade e experimentou a transformação do coração, que Deus deseja conceder a todos os que ainda hoje frequentam os cultos no Sábado de manhã.

Cada Sábado de manhã, no momento em que entrarmos na Casa do Senhor, pensemos cuidadosamente que nos vamos apresentar diante de Deus. Sentemo-nos tranquilamente e inclinemos a nossa cabeça, durante uns momentos em meditação e oração silenciosas, nos quais Deus nos fará sentir a Sua

presença e preparará os nossos corações para receberem a mensagem que deseja transmitir-nos. Este recolhimento da nossa alma tornar-nos-á capazes de contemplar, pela fé, Aquele que é invisível, e preparará os nossos ouvidos para escutarem a Sua voz mais distintamente.

Assim o culto tornar-se-á, em todos os elementos que o constituem, uma comunhão com Deus.

Todos os dias e, principalmente, todos os Sábados temos o privilégio de renovar a nossa comunhão com o nosso Criador e de ouvir a sua promessa: «Irá a minha presença contigo para te fazer descansar». Por isso, para que possamos gozar da realização desta promessa, cultivemos a presença de Deus.

*

Relacionado com este artigo do irmão R. R. Cottrell vamos apresentar um fragmento da oração, constituída unicamente por textos e reminiscências bíblicas, que todo o Judeu piedoso deve recitar, antes de penetrar na sinagoga:

«Que boas são as tuas tendas, ó Jacob! As tuas moradas, ó Israel!» (Núm. 24:5. «Mas eu entrarei em tua casa pela grandeza da tua benignidade; e em teu temor me inclinarei para o teu santo templo» Salmo 5:7 «Senhor, eu tenho amado a habitação da tua casa e o lugar onde permanece a tua glória» Salmo 26:8. «Ó vinde, adoremos, prostremo-nos; ajoelhe-mos diante do Senhor que nos criou» Salmo 95:6. «Assim diz o Senhor: No tempo favorável te ouvi e no dia da salvação te ajudei e te guardarei e te darei por concerto do povo, para restaurares a terra, e lhe dares em herança as herdades assoladas. Isaías 49:8.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

NECESSITAMOS HOJE, DE OUSADIA!

Seria uma grande coisa se cada dirigente e membro de igreja possuísse hoje a santa ousadia que caracterizava os discípulos a seguir ao Pentecostes. Com efeito, a igreja hoje *deve* ter esta ousadia se quiser cumprir a sua missão. Ser tímido, manter-se em silêncio, condescender, constitui uma traição ao governo do céu.

Repetidas vezes ao lermos o livro de Actos ficamos impressionados com o corajoso testemunho dos apóstolos. Quando Pedro e João foram levados perante Anás, Caifás, e outros dignitários do Templo, falaram ousadamente em favor da sua fé. Notai o destemido testemunho de Pedro em Actos 4:10, 11: «Seja conhecido de vós todos, e de todo o povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, *aquele a quem vós crucificastes*, e a quem Deus ressuscitou dos mortos, em nome desse é que este está são diante de vós. Ele é a Pedra que foi rejeitada *por vós*, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina».

Parece difícil acreditar que este seja o mesmo apóstolo que menos de dois meses antes recebera confessar que era discípulo de Cristo, e que chegará a negar com pragas que conhecia a Cristo. Agora Pedro levanta-se e acusa os dirigentes de terem crucificado a Cristo. Ele não diz que os Romanos o fizeram, procurando assim evitar dificuldades por parte de Anás e Caifás. Diz que *eles* O crucificaram.

Teria ele feito bem em ser mais prudente? Não. Esta era a única maneira de os ajudar a ver a sua verdadeira culpa, a verem-se a si mesmos como homicidas. A consciência do pecado deve preceder o arrependimento.

O Espírito Santo dá ousadia

Depois de Pedro e João terem sido soltos, reuniram-se com os outros crentes e oraram: «Agora, pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças, e concede aos Teus ser-

vos que falem com toda a *ousadia* a Tua palavra». (vers. 29). Sabiam que seriam feitas novas tentativas para os reduzir ao silêncio. Sabiam também que a disposição natural do coração é escolher o caminho da menor resistência. («Porque não abrandar o nosso testemunho? Porque ofender estes dirigentes expondo o seu mau procedimento? Porque não limar alguns dos nossos ensinamentos?»)

Deus respondeu à sua oração, porque «moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e *anunciavam com ousadia a palavra de Deus*». (ver. 31).

Quando o Espírito Santo os encheu, tornaram-se ousados em favor do direito e da verdade. E o Espírito Santo fará hoje o mesmo por nós. É quando estamos sem o Espírito que nos tornamos covardes e procuramos ocultar a nossa fé.

Porque pediram os discípulos ousadia? Porque sabiam «que enfrentariam a mesma decidida oposição que Cristo enfrentou quando esteve sobre a terra». — *The Acts of the Apostles*, pág. 68. Cristo podia ter evitado esta oposição se tão somente se conformasse. Outrora podiam ter feito os discípulos. Isso mesmo podemos nós fazer. Mas a verdade era mais importante para eles do que a própria vida. E assim deve ser também para nós.

De que maneiras pode hoje a ousadia auxiliar a igreja?

Em primeiro lugar, apressaria grandemente a terminação da comissão evangélica. Porque cada membro deixaria a sua luz brilhar. Falaria sempre que se apresentasse a oportunidade de transmitir aos outros a sua fé. Reforçado por uma vida cristã coerente, tal testemunho atingiria em breve toda a «nação, tribo, língua e povo».

Em segundo lugar, a ousadia ajudaria a purificar a igreja, preparando o caminho para a manifestação do poder de Deus. Porque o pecado seria censurado. A

serva de Deus escreve: «Quando se há-de ouvir mais uma vez na igreja a voz da repreensão fiel: «Tu és este homem?» Se essas palavras não fossem tão raras veríamos mais do poder de Deus». — *Obreiros Evangélicos*, pág. 145.

Muitos membros de igreja não desejam que se lhes fale acerca dos seus pecados. Não querem que se lhes apontem pecados específicos. Se tivessem vivido nos dias de João Baptista, tê-lo-iam condenado por haver dito a Herodes que lhe não era lícito viver com a esposa de seu irmão. «Assim têm os homens raciocinado, até que a acomodação tomou o lugar da fidelidade. Permite-se que o pecado passe sem repreensão». — *Ibid.* Os ministros de Deus necessitam de ousadia para chamar o pecado pelo seu verdadeiro nome em qualquer categoria de pessoas que se encontre.

Necessitam também de ousadia para pregar a mensagem de que o mundo hoje carece. «A derradeira mensagem de advertência ao mundo tem de levar homens a ver a importância que o Senhor dá à Sua lei. Tão claramente deve a mensagem ser apresentada, que nenhum transgressor, ouvindo-a, seja desculpável em deixar de discernir a importância de obedecer aos mandamentos de Deus». — *Ibid.*, pág. 144. Embora ninguém seja salvo por guardar os mandamentos, certamente Deus castigará os que repudiarem a Sua lei e ensinarem aos homens que não necessitam de obedecer a ela. Necessitam-se mensagens directas que mostrem a imutabilidade do padrão divino. Os homens devem ver que o Omnipotente não olhará por alto a rejeição da Sua autoridade representada pela substituição do Seu santo Sábado pelo primeiro dia da semana.

Para todas estas coisas, e para muitas outras, a igreja necessita de ousadia. Não seria bom orarmos hoje, como os discípulos de outrora: «Concede aos Teus servos que falem com toda a ousadia a Tua palavra?»

Sermões Cristocêntricos

Nos círculos protestantes, entre os ministros, tanto fundamentalistas como modernistas, nota-se uma ênfase especial na pregação Cristocêntrica. Procura-se salientar Cristo e fazê-Lo o centro em torno do qual tudo gravita.

O ministério adventista não ficou alheio a este movimento e, ao assunto, as nossas publicações deram um lugar honroso. Contudo, nunca é demais enfatizar problema de tão grande magnitude e é essencial que todos os obreiros demonstrem, em suas mensagens, que esta tendência não é uma mera teoria, mas uma realidade prática.

Os Adventistas do Sétimo Dia têm sido, muitas vezes, apodados de legalistas por pregarem a imutabilidade da Lei de Deus e outras verdades distintivas do Movimento. Estas acusações muito nos ferem porque não correspondem à verdade. O povo adventista ama o Salvador e depende inteiramente dos méritos de Jesus para sua salvação. Contudo, parecemos oportuno perguntar: Não teremos nós, em pequena escala e talvez inconscientemente, dado motivo a estas acusações? Há sempre o perigo, ao pregar as doutrinas da Palavra de Deus, de deixar Cristo e o Seu amor de fora. O sermão que não esteja impregnado de Cristo, pode ser um modelo de argumentação, pode provar verdades indiscutíveis, mas falha no seu propósito. O verdadeiro sermão precisa de apresentar ao doente espiritual o Remédio Divino. A sombra da cruz deve projectar-se em todos os seus detalhes. «Porque a palavra da cruz é loucura para os que

POR
JOSÉ E. RODRIGUES

Evangelista estagiário da União Angolana

perecem; mas para nós que somos salvos é o poder de Deus. Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos. Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens». *I Coríntios 1:18, 23-25.*

Só quando o obreiro, inteligentemente, seguir o exemplo de Paulo e determinar não conhecer nenhuma outra mensagem «senão a Jesus Cristo e este crucificado» é que o seu ministério poderá ter a unção do Espírito Santo e grandes coisas principiarão a acontecer.

A ideia de mensagens Cristocêntricas não é nova no nosso Movimento. A serva do Senhor sempre nos exortou a seguir essa prática:

«Exaltai a Jesus, vós que ensinais o povo, exaltai-O nos sermões, em cânticos, em oração. Que todas as vossas forças convirjam para dirigir ao 'Cordeiro de Deus' almas confusas, transviadas, perdidas. Erguei-O, ao resuscitado Salvador, e dizei a todos quantos ouvem: Vinde Àquele que 'vos amou, e Se entregou a Si mesmo por nós'. Efés. 5:2. Seja a ciência da salvação o tema central de todo o sermão, de todo o hino. Seja ela manifestada em toda a súplica. Não introduzais em vossas pregações coisa alguma que seja um suplemento a Cristo,

a sabedoria e o poder de Deus». *Obreiros Evangélicos*, pág. 160.

«São essenciais discursos teóricos, para que o povo veja a cadeia da verdade, elo após elo, ligando num todo perfeito; mas nunca se deve pregar um sermão sem apresentar como a base do evangelho a Cristo, e Ele crucificado.» *Idem*, págs. 158, 159.

«O sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado, é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras. A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda a verdade da Palavra de Deus, de Génesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que dimana da cruz do Calvário. Apresento perante vós o grande, magno monumento de misericórdia e regeneração, salvação e redenção — o Filho de Deus erguido na cruz. Isto tem de ser o fundamento de todo o discurso feito por nossos ministros». *Idem*, pág. 315.

Mas, por outro lado, uma ênfase, sem inteligência, em mensagens Cristocêntricas pode levar a outro extremo perigoso. Sermões sem doutrina têm o seu lugar ocasionalmente, mas não são suficientes. Estamos vivendo em tempos críticos e solenes e é necessário alimentar as congregações com os grandes factos da Palavra de Deus. É necessário que todos compreendam os valores envolvidos na Grande Controvérsia entre Cristo e Satanás.

Acreditar em Cristo significa acreditar n'Ele como Filho de Deus e como nosso Salvador. Mas significa ainda mais do que isso: significa receber toda a Sua doutrina e acreditar em tudo que Ele ensinou.

O Espírito de Profecia diz-nos o seguinte: «Os ministros devem apresentar a firme palavra da profecia... As profecias de Daniel e Apocalipse devem ser cuidadosamente estudadas e, em ligação com elas, as palavras: 'Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo'. S. João 1:29».

É interessante notar que a passagem citada nos aconselha a apresentar uma mensagem equilibrada, ligando intimamente as grandes doutrinas da Palavra de Deus com o grande sacrifício expiatório de Jesus Cristo. Esta é a solução satisfatória que não deve ser descurada por nenhum obreiro.

Do que foi dito depreende-se que não devemos pôr de lado as doutrinas que nos tornam um movimento distintivo, mas que devemos apresentá-las centralizadas em Cristo. A seguir apresentamos algumas sugestões práticas de como conseguir esse objectivo.

JUSTIÇA PELA FÉ—«O pensamento de que a justiça de Cristo nos é imputada, não por algum mérito da nossa parte, mas como um dom gratuito de Deus, é um precioso pensamento. O inimigo de Deus e do homem não quer que esta verdade seja claramente apresentada; pois sabe que, se o povo a aceitar plenamente, está despedaçado o seu poder». *Idem, pág. 161.* A doutrina da justificação e Santificação por meio da fé, é o coração do evangelho eterno. Os nossos obreiros devem pregá-la vezes sem conta. Muitos hoje, como nos tempos apostólicos, estão em perigo de cair na heresia dos Gálatas. Depois de terem aceitado a justificação pela fé, pensam que podem ser santificados pelas suas próprias obras. A estes também é mister perguntar: «Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis

agora pela carne?». Gálatas 3:3. Esta doutrina fundamental do nosso movimento não oferece dificuldade alguma, pois ela é, em si mesma, Cristocêntrica. Incluimo-la aqui para lembrar que ela é vital e que deve ter lugar proeminente nas nossas pregações. Mais do que isso, deve ter lugar em *todas* as nossas pregações.

A PROFECIA DE DANIEL 2—Pode-se principiar por explicar que Jesus nos amou tanto que não nos quis deixar em escuridão sobre o futuro. Depois de uma exposição lógica sobre a sucessão dos vários impérios, pode o sermão atingir o clímax com o estabelecimento do Reino de Cristo e com a salvação que há em Cristo Jesus. O verso 44 presta-se admiravelmente para atingir este objectivo.

A PROFECIA DE DANIEL 7—Depois de uma exposição inteligente sobre o significado dos quatro animais simbólicos, o pregador terá oportunidade de mostrar a majestade de Deus e a solenidade das cenas do Julgamento. Poderá terminar fazendo um apelo aos presentes para que, no dia final, tenham um Advogado que defenda suas causas e que lhes garanta a vida eterna.

AS PROFECIAS DE DANIEL DOS CAP. 8 a 12—No Cap. 8, Cristo poderá ser introduzido com o verso 25 que fala do Príncipe dos príncipes. No Cap. 9 a mesma facilidade é evidente nos textos sobre os Messias. O verso 1 do Cap. 12 também poderá servir o mesmo propósito.

AS PROFECIAS DO APOCALIPSE—Todas elas revelam uma coisa—Cristo triunfante, coroado Rei dos reis e Senhor dos senhores.

CRISTO NA LEI—Em primeiro lugar, Ele é o Autor da Lei. Foi Ele quem deu o Decálogo a Moisés (ver

Actos 7). Use os comentários que Jesus fez sobre os mandamentos no Sermão da Montanha. Mostre o que Jesus pensava sobre a validade da Lei com Mat. 5:17 e Mat. 19:17.

CRISTO NO SÁBADO—Se Cristo é o Criador (João 1:3, Col. 1:16, Heb. 1:2) foi Ele quem descansou ao sétimo dia. Também foi Ele que deu os mandamentos no Monte Sinai. Comente o significado de Marcos 2:27,28. Mostre que a quebra desse mandamento é pecado. Mostre que Cristo obedeceu a todos os mandamentos. Através da Sua perfeita obediência ao mandamento que diz «Não furtarás» Ele pode imputar a Sua justiça ao ladrão. O mesmo se dá com o mandamento do Sábado. Jesus só poderá imputar ao pecador a Sua guarda perfeita do sétimo dia Sábado e nunca a do Domingo.

O ESTADO DO HOMEM NA MORTE—Por natureza o homem é mortal. Quando ele desce à sepultura a sua única esperança da vida eterna só pode estar em Jesus Cristo, o Único capaz de abrir o túmulo e ressuscitá-lo. Que melhor tema poderíamos nós ter para exaltar Cristo perante as nossas congregações.

Para um estudo mais detalhado sobre este tema vital, recomendamos ao leitor a consulta dos seguintes livros e revistas, nos quais este artigo se baseou:

«Our Firm Foundation», Vol. I, artigo por M. K. Eckenroth, Review and Herald.

«The Preacher and his Preaching», por I. H. Evans, Review and Herald.

«The Shepherd-Evangelist», por R. L. Anderson, Review and Herald.

«The Ministry», números de Agosto de 1956, Novembro 1956, Março de 1957, Ministerial Association.



Uma brigada da «Televisão Portuguesa» filmando a distribuição de roupas que os nossos Irmãos Americanos enviaram para os sinistrados. À direita o Evangelista J. J. Larangeira que coadjuvou o Pastor Mendes, na distribuição.

O VULCÃO DO FAIAL

O apreciado e caridoso movimento a favor dos sinistrados do Faial, em tão feliz hora desencadeado pelo nosso prezado Irmão, Pastor F. Mendes, Director da Missão dos Açores, encontrou, por toda a parte o melhor acolhimento. Serviu, inclusivamente, de ponto de partida para o grande movimento de auxílio que tanto as entidades oficiais, como as particulares têm dispensado aos sinistrados.

Conforme escrevia na Revista Adventista do último mês o Pastor Mendes, uma brigada da Televisão Portuguesa, que se deslocara propositadamente, para filmar aspectos da erupção vulcânica, também filmou algumas das cenas mais comovedoras da distribuição das roupas e auxílio às vítimas. As gravuras que se publicam neste número documentam alguns dos aspectos mencionados.

A presença do Ex.^{mo} Governador Civil durante a distribuição das roupas demonstrou o interesse que Sua Ex.^a teve pela iniciativa da nossa igreja. Os socorros estenderam-se a todos quantos foram duramente atingidos, tanto membros da nossa igreja, como não-membros. Todos foram socorridos, graças à generosidade dos nossos Irmãos da Conferência Geral, para quem o Pastor F. Mendes apelou.

Que o Senhor nosso Deus seja devidamente conhecido, servido e amado, por todos os que receberam a doce manifestação da caridade divina!

Que todos venham ao conhecimento da Verdade, para que todos apressem a vinda gloriosa do nosso bendito Salvador.



Duas crateras em actividade uma lançando lava negra, e a outra, vapor de água



Um dos aspectos da distribuição de roupas aos sinistrados

RESPOSTA À REVISTA PROTESTANTE DENOMINADA A «ESPADA DO SENHOR»

Ex.^{mos} Senhores:

Recebi e li o vosso mensário de Junho, o qual, devo dizer-vos, está cheio de afirmações e doutrinas que são falsas, e só poderão ser defendidas por quem tenha falta de verdadeiro conhecimento bíblico ou, então, pouco respeito pela verdade. Senão vejamos:

É falso que os escritos dos profetas tenham caducado para os cristãos, porque esses escritos, juntamente com os dos apóstolos, constituem, incontestavelmente, a Palavra de Deus, de aplicação universal e para todos os tempos.

Sal. 119:105; Luc. 11:28;
Mat. 22:29; João 10:35;
II Tim. 3:14-17; II Ped. 1:19-21; 3:2,15,16.

É falso que haja uma declaração bíblica afirmando que a *alma* sobe ao céu no momento da morte; antes, pelo contrário, vemos que a *alma* (entidade humana) (a) é destruída, (b) desce ao *sheol*, (c) à sepultura, (d) à cova, (e) ao silêncio.

(a) Jusué 10:28; (b) Sal. 89:48; 16:10; (c) Is. 38:19-19; (d) Job 33:28; (e) Sal. 94:17; 115:17.

É falso que haja existência entre a morte e a ressurreição.

Gen. 3:19; Ecles. 3:18-21;
9:5-10; I Cor. 15:16-23;
João 5:28,29.

É falso que Cristo morresse para nos salvar dos *suplícios eternos*; mas sim da *morte eterna*.

João 3:16,36; 5:39,40; 10:27,28; Rom. 6:23; Tiago 5:19,20; II Tim. 1:10.

É falso que a Bíblia ensine haver o *inferno de suplícios eternos*, e, de forma nenhuma, repudiar

tal monstruosa doutrina será rejeitar a divindade de Jesus, que é justiça e amor e não inexplicável tirania.

Sal. 37:20; 68:2; Is. 41:12;
Mal. 4:1 Judas 7; II Ped. 2:6; Apoc. 2:11.

É falso que a Bíblia conceda a *vida eterna*, ou seja a *existência eterna*, aos perdidos, mas sim só aos que se salvam em Cristo.

Ezeq. 18:20; I João 5:11,12;
Rom. 6:23.

É falso que os perdidos sofram o castigo, ou o juízo, antes da ressurreição.

II Ped. 2:9; João 5:28,29.

É falso, pois, que haja no homem uma alma imortal, cuja doutrina se baseia em traduções incorrectas do texto original e na inclinação natural para a mentira.

Gen. 3:4; II Cor. 11:3; João 8:44; Apoc. 12:9; Mat. 24:24.

É falso que a Bíblia não faça distinção entre a lei de Deus, a dos Dez Mandamentos, e a lei de Moisés, a das cerimónias.

Deut. 4:13,14; II Reis 21:8;
Act. 15:5; Rom. 7:22;
I Cor. 7:19.

É falso que a lei de Deus tenha sido abolida para os cristãos, porque é ela que nos revela o pecado, e será, por conseguinte, a norma do juízo.

Rom. 2:12,13; 3:19,20,31;
4:15; 6:1,2; 7:7; Tiago 2:10-12; I Cor. 7:19; Heb. 10:26,27.

É falso que o Sábado da Criação seja dos judeus, porque Deus

mesmo diz-nos ser *êle* o Seu *Santo Dia*; e quem ousará desmenti-l'O?

Êxodo 20:8-11; Is. 58:13,14;
Mar. 2:28; Prov. 30:5,6.

É falso que o Sábado de Deus fosse abolido na cruz; mas sim os sete sábados anuais da lei de Moisés, os quais eram figuras de Cristo e foram dados «além dos Sábados do Senhor».

Lev. 23:32,38; Oseas 3:11;
Col. 2:14-17.

É falso que o Sábado de Deus, o memorial da Criação e que faz parte dos Dez Mandamentos, fosse substituído ou mudado por Deus, ou por Cristo, ou pelos apóstolos.

Ecles. 3:14; Sal. 111:7,8;
119:151,152; Mat. 5:17-20; Luc. 23:55,56; Actos 13:42,44; 16:13; 18:3,4;
Apoc. 1:10.

É falso que a santificação do Sábado não se baseia nas Escrituras, porque Deus mesmo é quem o instituiu, no-lo ordena presentemente e continuará a ser o dia de culto na Nova Terra.

Êxodo 20:8-11; Is. 58:13,14;
56:1,2; Luc. 16:17; Is. 66:22,23.

É falso que os cristãos por Cristo não pertençam ao Povo de Israel, porque caso contrário não poderiam ter parte nas suas promessas.

Rom. 9:6-8,24; Efes. 2:11-14;
Gal. 3:7,26-29; João 12:13;
10:16.

É falso que no Novo Concerto, feito também com a Casa de Israel, a lei de Deus fosse abolida, porque passou e passa a ser escrita

pelo Espírito Santo no coração dos que se hão-de salvar.

Jer. 31:31-33; Is. 51:7; Sal. 37:31; Heb. 8:10; I João 2:3,4; 5:2,3; Mat. 7:21.

É falso que nós Adventistas não santifiquemos o Sábado em obediência a Deus a Quem servimos; mas vós que vos dizeis Seus servos Lhe desobedeceis e ensináis a outros a seguir o vosso exemplo (Mat. 5:19)? Será honesta e segura a vossa posição? É impossível prová-lo à face das Escrituras.

Is. 8:20; I João 2:4.

Quanto a D. M. Canwright, o seu testemunho pouco vale e é triste, porque se retratou, pedindo perdão, mais duma vez, e afinal até à morte nunca mostrou sinceridade no que dizia.

Se os senhores não usam de má fé para conosco, Adventistas, vos peço de examinar conscienciosamente os folhetos que, pelo mesmo correio, vos envio «A Imortalidade à luz do Texto Sagrado» e «As Duas Leis», e se julgam encontrar neles doutrinas falsas, queiram provar-no-lo pelas Escrituras.

Me subscrevo um humilde servo de Cristo,

A. F. Raposo

EMISSÕES ADVENTISTAS

Temos o prazer de anunciar que, desde 15 de Julho, as emissões adventistas portuguesas se podem ouvir, em melhores condições do que anteriormente, através de

Rádio África Tânger

506 m (593 kc), todas as segundas-feiras, às 23 horas.

Ouvi e anunciai

UMA EXPERIÊNCIA

O receio que às vezes nos assalta é obra de Satanás, mas devemos sempre procurar afastar esse receio. Como?

Recorrendo a Deus pela oração.

Prezados irmãos colportores, já pensastes bem que a fé e o bom ânimo nos ajudam a confiar cada vez mais no nosso Pai celestial?

E já experimentastes também, que quando nos sentimos desanimados no nosso honroso trabalho de colportagem para que Deus nos escolheu, que uma oração, pedindo-Lhe que nos dê coragem e bom ânimo nos faz muito bem?

A oração é ouvida pelo nosso Pai do Céu, que está sempre vigiando os Seus filhos que confiam n'Ele, e assim Ele, com o Seu Santo Espírito, nos anima imediatamente a trabalharmos com boa vontade.

Esta é a minha experiência, já feita inúmeras vezes.

Irmãos, quando vos sentirdes desanimados, orai e pedi ao nosso Pai do Céu para que vos dê ânimo e coragem, que Ele está sempre pronto a ouvir-nos.

Uma das minhas últimas experiências, foi na minha primeira viagem, no início do corrente ano.

Para começar o trabalho deste ano, Deus mandou-me em serviço de renovações de assinaturas da nossa revista sanitária, e quando me foram entregues as listas, com os nomes e moradas dos assinantes, nas muitas terras por onde eu tinha de passar, reparei logo que me era entregue também uma lista para duas cidades; quanto a estas duas listas, devo dizer aos prezados irmãos que fiquei um pouco desanimado e embaraçado, porque já sabia, que ali naquelas duas cidades, tinha estado um nosso colega, poucos meses antes, a colportar, e que um sacerdote de uma delas, assim que

soube que ele ali estava fazendo assinaturas para a nossa revista, foi junto de algumas pessoas que já tinham assinado, e disse-lhes que desistissem da assinatura, pois que a revista era protestante; não satisfeito com isto, escreveu no seu jornal um aviso, para que não assinassem a revista.

Ora eu, tendo já conhecimento de tudo isto que se tinha passado, quando vi aquelas listas, fiquei desanimado, e logo uma coisa me ocorreu à ideia: que ao chegar ali era mal recebido, e que as catorze assinaturas que levava para ali renovar nem sequer uma seria renovada!

Mas, quando se chegaram os dias de ali fazer o serviço para que Deus me enviou, enchi-me de coragem, orei e pedi ao nosso Pai do Céu que me desse coragem e bom ânimo, e abençoasse o trabalho que ali ia fazer, e que me esquecesse do que se tinha passado.

Deus ouviu-me, e permitiu que tudo corresse bem até ao fim; das catorze assinaturas que levava para ali renovar todas foram renovadas, e ainda consegui mais assinaturas novas.

Não obstante quase todas as pessoas a quem me dirigi para fazer as renovações, me apresentassem o artigo que tinham recortado do jornal, diziam-me no entanto, que o sacerdote mandaria na casa dele, e eles mandavam na deles, e que não era o padre que os convencia a deixar de assinar a revista, que acham muito boa e de grande utilidade.

Graças dou ao nosso Pai do Céu por tudo quanto fez por mim.

Que o Senhor abençoe a todos os prezados leitores, são os votos sinceros do colportor

Inácio Duarte da Conceição

Caixa de Perguntas

«Poderá um Adventista vender vinho alcoólico, tabaco e gorduras de porco, mesmo sendo empregado?»

Um Adventista não pode vender tais coisas pois se não as pode usar, também não deve contribuir para que outrém as use. A questão apresenta-se sob dois aspectos: 1.º se o negociante, patrão ou empregado, já é crente baptizado, é evidente que não vai lançar-se naquele género de vendas; 2.º se ainda não é baptizado e se vai dedicar-se a tal comércio — não deverá baptizar-se.

Portanto, um Adventista não pode vender tais coisas. Deixem

que «os mortos sepultem os seus mortos.»

*

«Como compreender o versículo 19 do Cap. 8 de S. Lucas.»

A palavra «irmão» tem, como se sabe, vários significados, em todas as línguas. Assim, em português: irmãos de raça; irmãos de armas; irmãos da mesma religião; todos somos irmãos, etc.

Também na linguagem bíblica pode significar: irmão e primo. Nada impede que se interprete, neste último sentido, no passo citado.

No livro de Génesis, capítulo 6, versículos um a quatro lê-se que da união entre filhos de Deus e filhas dos homens nasceram gigantes.

Pergunta-se: que significa o termo bíblico «filhos de Deus» e que se deve entender pela expressão «filhas dos homens»?

I — Os filhos de Deus que casaram com as filhas dos homens não eram anjos:

- porque a punição pronunciada por Deus atingiu os homens e não os anjos;
- porque os anjos não casam (Mateus 22:30; Lucas 20:35,36).

Os filhos de Deus mencionados neste texto são os Setistas, isto os descendentes de Set, irmão de Caín e de Abel. Os descendentes de Set

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO DE VENDAS DOS MESES DE JANEIRO A MAIO DE 1958

NOMES	HORAS	LIVROS		REVISTAS		Valor Total
		N.º	VALOR	AVULSO	ASSINATURAS	
Adelino Nunes Diogo	805	262	7.950\$00	115\$00	16.740\$00	24.805\$00
Manuel de Jesus Correia Ratana	522	103	2.800\$00	—\$—	19.850\$00	22.650\$00
Inácio Duarte da Conceição	869	52	1.612\$50	260\$00	16.430\$00	18.302\$50
António Gomes Duarte	989	278	6.930\$00	680\$00	8.350\$00	15.960\$00
José Manuel Pereira de Matos	191	6	185\$00	15\$00	15.100\$00	15.300\$00
Eliseu Gomes	555	179	2.730\$00	95\$00	12.160\$00	15.985\$00
João António	924	483	14.677\$50	—\$—	—\$—	14.677\$50
Maria Luísa Saboga Serra	579	—	—\$—	—\$—	13.850\$00	13.850\$00
Elias Mendes Rodrigues	700	181	3.845\$00	345\$00	6.583\$00	10.775\$00
Júlio Augusto Ribeiro Luís	677	44	1.077\$50	350\$00	8.270\$00	9.697\$50
António Tomás Pinto de Aguiar	334	87	2.255\$00	210\$00	6.120\$00	8.585\$00
Isaías da Silva	557	50	940\$00	890\$00	5.970\$00	7.800\$00
Anselmo Gorgulho de Almeida	54	150	3.010\$00	160\$00	2.850\$00	6.020\$00
Eduardo Moniz Andrade	100	—	—\$—	20\$00	5.875\$00	5.895\$00
Marcolino Oliveira	657	59	1.030\$00	970\$00	3.850\$00	5.850\$00
Amílcar Godinho Lopes	262	1	15\$00	295\$00	5.000\$00	5.310\$00
Domingas da Conceição Martins	538	67	1.265\$00	655\$00	2.430\$00	4.350\$00
Afonso António	751	119	3.440\$00	—\$—	—\$—	3.440\$00
Ernesto de Sousa Almeida	129	44	1.415\$00	55\$00	1.950\$00	3.420\$00
Judite Gabriela de Aguiar	60	—	—\$—	130\$00	2.850\$00	2.980\$00
Joaquim Lopes	93	1	10\$00	75\$00	1.800\$00	1.885\$00
Maria da Conceição F. Rezende	110	3	80\$00	390\$00	1.150\$00	1.620\$00
Artur Abreu de Oliveira	53	8	195\$00	5\$00	1.200\$00	1.400\$00
Francisco Quintino	150	1	25\$00	448\$00	700\$00	1.173\$00
Daniel José Soares Freire	22	15	390\$00	30\$00	200\$00	620\$00
Maria Ester Cardoso Guedes	49	—	—\$—	5\$00	550\$00	555\$00
Micaela do Céu Dias da Silva	16	5	75\$00	10\$00	275\$00	360\$00
Zulmira Pinto Machado	10	2	60\$00	—\$—	150\$00	210\$00
Diversos	350	146	3.167\$30	1.208\$00	15.610\$00	19.985\$50
Totais	11.106	2.346	59.180\$00	7.416\$00	175.865\$00	242.461\$00

O Secretário de Publicações

J. Simões Grave

O ORGULHO REPREENDIDO

A vida e a morte do Salvador são uma prova evidente de censura a qualquer forma de orgulho. Efectivamente, podem enunciar-se os seguintes orgulhos:

Orgulho de nascimento: «Não é este o filho do carpinteiro?»

Orgulho de riqueza: «O Filho do homem nem tem onde reclinar a cabeça!»

Orgulho de aparência pessoal: «Ele não tinha nem beleza nem bom aspecto».

Orgulho de superioridade: «Eu sou... como aquele que serve».

Orgulho de vontade: «Eu não procuro fazer a minha própria vontade».

Orgulho de ressentimento: «Pai, perdoa-lhes».

distinguiram-se pela piedade e fidelidade a Deus. Por isso o Senhor chamou-lhes «seus filhos». Deus também chamou os Israelitas «o meu primogénito» (Exodo 4:22); Moisés também designou o povo de Deus como «filhos do Senhor Deus» (Deuteremónio 14:1).

Pelo contrário, os descendentes de Caín, foram chamados filhos dos homens. Eram conhecidos pela sua poligamia, politeísmo e materialismo antediluviano. Antes do dilúvio, os filhos de Deus, isto é, os verdadeiros crentes casaram com descendentes de Caín, não porque estas fossem virtuosas, mas simplesmente porque eram bonitas. As consequências foram desastrosas. A demolição da linha de demarcação entre o sagrado e o profano, entre a vida espiritual e a material causou a corrupção e a violência geral. Deus proibiu o casamento entre crentes e infieis (Deuteronomio 7:3,4). Mas muitos Setitas não obedeceram a tal determinação divina e os resultados foram nitidamente pavorosos: prepararam o dilúvio.

Os livros apócrifos da Bíblia

Os Apócrifos da Bíblia são uns 14 livros incluídos entre o Velho e o Novo Testamento; foram escritos por judeus piedosos, durante os 400 anos em que esteve silenciosa a voz da Profecia. Desconhecem-se em grande parte os seus autores. Foram adicionados à versão grega do Velho Testamento, feita em Alexandria, durante aquele período. Não se encontram, portanto, no Cónon Hebraico do Velho Testamento, nem nunca os Judeus os consideraram «inspirados», como são os 39 livros do Velho Testamento que, como tais, foram sempre considerados.

Apesar do valor histórico que possuem, e de certo valor moral e religioso, os Apócrifos não se podem comparar aos escritos canónicos. Os Judeus sentiam que a inspiração profética tinha acabado nos dias de Malaquias. É o que se depreende do historiador Flávio Josefo (fim do 1.º século da era cristã), no seu famoso discurso contra Apio (capítulo 1): «Desde Artaxerxes até os nossos dias, escreveram-se vários livros: mas não os consideramos dignos de confiança idêntica aos livros que os precederam. Porque se interrompeu a sucessão dos profetas. Esta é a prova do respeito que temos pelas nossas *Escrituras*. Ainda que um grande intervalo nos separe do tempo em que elas foram encerradas, ninguém se atreveu a juntar-lhes uma única sílaba; desde o dia do seu nascimento, todos os Judeus são obrigados, como que por instinto, a considerar as *Escrituras* como o próprio ensinamento de Deus, e a ser-lhes fiéis e, se tal for necessário, a dar alegremente a sua vida por elas».

O mesmo S. Jerónimo, a quem se deve a versão latina (oficial da Igreja Romana, desde o Concílio de Trento) denominada a «Vulgata», faz a distinção entre os escritos Canónicos, como obras de autoridade, e os não canónicos, que ele considera úteis para o

estudo privado, e para «exemplo de vida e instrução de costumes», mas que não deveriam ser utilizados para «estabelecer qualquer doutrina».

Nunca o Senhor Jesus citou nenhum dos Apócrifos, assim como nunca a Igreja primitiva Os reconheceu como inspirados. Quando a Bíblia foi traduzida para latim, no 2.º século da Era Cristã, o seu Velho Testamento foi traduzido, não do Cónon Hebraico — onde não se encontravam os Apócrifos — mas da versão grega «Septuaginta», à qual haviam sido adicionados pelos Judeus da Dispersão no Egipto; foi aqui, no Egipto que na sua maior parte foram escritos os Apócrifos. A maior parte dos chamados «Primeiros Pais da Igreja», ou Santos Padres também não consideraram os Apócrifos como inspirados. De resto, a sua manifesta inferioridade, quando os comparamos com os Livros Canónicos, mostra bem que não podem ser incluídos entre as Sagradas Escrituras divinamente inspiradas, isto é, na Bíblia.

O Espírito de Profecia rejeita os Apócrifos, como aliás também os rejeitam as Igrejas da Reforma, de acordo com a Igreja primitiva e com os Antigos Hebreus.

Foi, apenas, a Igreja Romana que no Concílio de Trento, em 1546 — convocado expressamente para se opôr ao grande movimento da Reforma, — que então passou a considerá-los canónicos.

Estes livros Apócrifos servem de base a vários pontos doutrinários da Igreja Romana, e que de nenhum modo se encontram nos livros divinamente inspirados.

«Lâmpada para os meus pés é tua palavra, e luz para o meu caminho» (Salmo 118:105).

Os livros Apócrifos representam um acrescentamento à palavra divinamente inspirada da Sagrada Escritura.

«Nada acrescentes às suas palavras, para que não te repreenda e sejas achado mentiroso». (Provérbios 30:6).

A LITERATURA CATÓLICA

Por E. Ferreira

Para os obreiros que vivem em países católicos, levanta-se muitas vezes o problema de saber quais sejam os autores que melhor os podem ajudar no seu trabalho.

Antes de mais, é necessário conhecer a posição oficial do Catolicismo com respeito às diferentes doutrinas. Não é difícil encontrarem-se definidas como doutrinas da Igreja Católica, em certas obras protestantes, citações de autores católicos que não têm nenhum valor oficial. Por isso é indispensável a utilização das fontes.

Para estas fontes não é demais exagerar a importância do *Enchiridion Symbolorum* (recolha de todas as definições dogmáticas desde os primeiros concílios até o presente), publicado por H. Denzinger. Uma citação desta obra é imediatamente reconhecida em todo o mundo católico. Podem encontrar-se nesta obra numerosas alusões a respeito da volta de Jesus. Sobre o Sábado, poderão ler-se com interesse, por exemplo, a posição oficial do Concílio de Florença (em 1442). Esta assembleia «denuncia como estranhos à fé de Cristo e não podendo portanto participar da salvação eterna, desde que não abjurem dos seus erros, todos aqueles que (segundo a promulgação do Evangelho) observam a circuncisão, o Sábado e as outras prescrições legais.» (Denz. 712).

Poder-se-iam adicionar às fontes o *Catecismo do Concílio de Trento*, publicado em 1566, onde se encontram expostas em pormenor, quase todas as doutrinas da Igreja Católica; as coleções dos decretos dos Concílios de Trento e do Vaticano; o *Pontifical*; o *Ritual*, etc.

Depois das fontes vêm os livros que melhor ajudam a conhecer a alma do Catolicismo, cujos tratados de Teologia Dogmática ocupam o primeiro lugar. No tratado em três volumes de A. Tanqueray, que todos os padres conhecem, encontra-se a propósito do Sábado, esta interessante declaração: «(Os católicos e os protes-

tantes em geral) não observam o Sábado, mas sim o Domingo; mas se se tomar a Sagrada Escritura como única regra de fé, vê-se que isto é contrário à lei divina; porque de um lado conclui-se claramente pelo Antigo Testamento que é o Sábado que deve ser santificado; por outro lado verifica-se no Novo Testamento que os apóstolos também observam fielmente o Sábado; de resto não se lê na Sagrada Escritura que este preceito divino tenha sido abrogado. Portanto os protestantes estão moralmente obrigados ou a regressar ao Sábado judaico, ou então a submeterem-se à autoridade da Igreja que, pelo poder que recebeu de Deus, substituiu o dia de Sábado pelo dia de Domingo.» (Ad. Tanqueray, *Synopsis Theologiae Dogmaticae*, 1.º vol. edição 18, p. 368).

Mas é, principalmente, a propósito dos sacramentos, verdadeiro eixo da vida espiritual católica que se impõe a necessidade do estudo destes tratados. Não conheço nenhum outro método que permita ganhar melhor a confiança de um católico piedoso que o de lhe apresentar os substitutos bíblicos como os auxílios espirituais que ele procura nos sacramentos.

Ainda sob este ponto de vista, o estudo do tratado de *Teologia Ascética e Mística* do mesmo autor, é de um valor apreciável.

Salientemos, finalmente, os livros católicos que nos podem oferecer uma inspiração para a nossa vida espiritual e para o nosso trabalho. «Entre os católicos, há muitos que são cristãos realmente conscienciosos e que caminham a toda a luz que brilha aos seus olhos.» (E. C. White, *Evangelismo*, p. 575). Não nos devemos, portanto, surpreender que alguns tenham escrito páginas verdadeiramente cristãs. Quem não tirará proveito da leitura, por exemplo do *Cur Deus Homo* (Por que é que Deus se fez homem) de Santo Anselmo?

Não me atrevo a mencionar aqui nenhum autor de espiritualidade católica, porque é raro que, em

tais escritos não se misturem erros e autênticas joias de verdade.

Por outro lado, não nos deveríamos surpreender que, depois da leitura da *Alma de todo o Apóstolo* de D. Chautard, ou de outro livro destinado à Acção Católica, um Adventista, verificando o que se faz para preparar os que espalham o erro, não sinta no coração um desejo mais ardente de trabalhar melhor para a divulgação da verdade.

O que se acaba de ler não se destina a nenhuma propaganda católica; o único objectivo deste pequeno artigo é o de indicar alguns meios de se chegar a compreender melhor os nossos amigos católicos, a fim de que, compreendendo-os, os possamos ajudar a encontrar a solução dos seus problemas espirituais. (SERVIR).

JESUS TE CHAMA...

Continuação da página 3

das suas colegas e patrão; e que todos manifestam o interesse de se poder abrir aqui uma Igreja Adventista do 7.º Dia. «Maravilhoso!»... Oxalá que assim seja.

Eu, estou certo, que estas meninas, e sua Mãe, ficariam segundo a vontade de Deus na sua Igreja; Seu pai também é por nós, mas o que o impedirá mais será a sua profissão.

Irmãos, Cristãos Amigos, orem a Deus, que nos ouvirá e responderá, para que proporcione a maneira dos seus servos e dirigentes da obra em Portugal, para que ainda num futuro muito breve se abra aqui uma igreja: porque eu continuarei fazendo o que poder em prol destas almas, para que entrem, na Casa de Deus.

É quanto vos agradece o vosso dedicado e Irmão em Jesus.

Isaías da Silva
Colportor Evangelista

NOTÍCIAS DO CAMPO

Neste Sábado 21, é dia solene para a Causa de Deus. Os crentes da Igreja do Porto sentem-se solidários com a Obra Sagrada em todo o mundo e a Conferência Geral em sessão neste mesmo dia, e a eles se associam espiritualmente, com jejum e oração. Sobre todos repousa a responsabilidade de levar a obra começada a seu termo. Mas, para isso, precisamos da plenitude do Espírito Santo, e deste fogo que é o santo zelo para Deus (Lucas 12: 49-50). Sobre este tema versou o culto de manhã, que terminou com a oração de vários irmãos e a invocação «Vem, visita a tua Igreja...» Sim, cremos que neste dia Deus nos visitou.

A tarde houve cerimónia baptismal que trouxe um novo afluxo de vida à nossa Igreja. Antes da hora aprazada, membros da congregação, numerosas visitas e os irmãos de Vila do Conde e da Póvoa de Varzim enchiam a Igreja e entoaram-se hinos. O coro da Igreja muito contribuiu para dar alegria e espiritualidade a esse acto solene. Seis candidatos, dois irmãos e quatro irmãs, selaram o seu pacto com Cristo pelo baptismo. Preferiram Cristo ao mundo, o que nos alegra a nós na terra e aos anjos no Céu.

Após a cerimónia os irmãos ficaram reunidos em oração, rogando a Deus o avanço da sua Obra e o poder para terminá-la. Um apelo foi dirigido para a conversão dos familiares ainda longe de Cristo, e para a entrega a Jesus a todos quanto o Santo Espírito tinha falado através da singela cerimónia. Uma oração de consagração findou esta reunião abençoada.

Seja este dia 21 de Junho um dia decisivo para a face final da Obra de Deus na Terra, são os ardentes votos da Igreja do Porto.

José Abella

Pastor Juvenal Gomes

Acompanhado de sua esposa, Irmã D. Maria José Gomes e filho, partiu para S. Tomé, a bordo do «Angola» no passado dia 16 o Pastor Juvenal Gomes, que durante alguns anos pastoreou a igreja de Lisboa. No cais de embarque tiveram efectiva despedida da parte dos membros das igrejas de Lisboa e também de numerosas outras pessoas amigas e conhecidas. O Pastor Juvenal Gomes vai assumir o cargo de Director da Missão de S. Tomé.

Com muito boa saúde para a família de Juvenal Gomes, também lhe desejamos as melhores bênçãos de Deus no desempenho do novo cargo do Pastor Juvenal.

Igreja de Portalegre

Assim como assinalámos o início da nossa campanha de evangelização, em Novembro passado, queremos agora informar do progresso que ao Senhor nos aprouve conceder em Portalegre e arredores.

O esforço decorreu com uma assistência muito boa, e, até à data, já se entregaram pelo baptismo, nove preciosas almas.

Continuamos a orar para que o exemplo destes novos irmãos e a sua contagiosa satisfação e gozo no Senhor, possam estimular outros, que se encontram a completar a sua preparação, a fim de, num próximo futuro, se renderem também, perante o amorável convite do Salvador, e assim, fruirem da «Paz de Deus, que excede todo o entendimento»!

É estimulante notar o zelo e ardor com que os Irmãos têm colaborado dedicadamente pela salvação das almas interessadas, bem como, em todas as actividades da igreja.

Em Portalegre — mãe de tantos missionários e obreiros — reina ainda o sentimento da responsabilidade, que a cada um cabe, na propagação do Evangelho e finalização da Obra.

João Chaves

7.º Acampamento dos M. V.

O Departamento dos Missionários Voluntários da Conferência Portuguesa promove o seu 7.º Acampamento, perto da encantadora vila de S. Martinho do Porto, num local arborizado, que reúne, admiravelmente, as melhores condições para um acampamento deste género. Situado a mil e quinhentos metros da praia, é servido pela linha ferroviária do Oeste e carreiras de camionetes.

O Secretário do Departamento dos M. V., Pastor Samuel Reis, comunica a todos os interessados que o Acampamento se efectuará de 18 a 28 do próximo mês de Agosto.

As condições — as mesmas do ano passado — são as seguintes:

Cem escudos (100\$00) pelos dez dias e que deverão ser pagos no dia da chegada ao Acampamento. O excedente de 40\$00, de comboio em 3.ª classe, será pago pelo Fundo de jovens da Conferência Portuguesa.

Como o número de inscrições é limitado, terão preferência os jovens que se inscreverem em primeiro lugar. (Têm preferência os jovens dos 15 aos 30 anos).

Recomenda-se que cada jovem leve consigo:

Roupas de cama, toalha de rosto, sabão, escova de dentes, prato de sopa (de preferência de esmalte ou alumínio), colher, garfo, faca e púcaro.

A todos interessa possuir e levar um bom espírito de *Disciplina*, sempre tão indispensável nestes acampamentos.

Nota importante:

Cada participante deve saber, pelo menos, 5 contos morais ou 5 poesias.

Não esquecer a Bíblia, o Trimensário e o Hinário.

É urgente que a inscrição seja enviada até o dia 15 do corrente mês de Julho, para o Pastor Samuel Reis, Secretário do Departamento dos M. V.

Continuação da página 5

ramado de Jesus Cristo, de que é um verdadeiro cristão e de que quer ser reconhecido como tal. O mundo compreendo-o assim, a Bíblia assim também o ensina, a igreja assim o interpreta, e Deus assim o quer.

Eis, pois, o que deve ser um membro da igreja adventista. Eis o tipo de homem que nós devemos ser «aguardando e apressando-se para a vinda do dia de Deus».

(1) Apoc. 12:10.

(2) 2 Ped. 3:11,12.

(3) Malaq. 3:18.

(4) Esdras 9:4; 10:3.

(5) Esdras 9:6.

(6) Test. vol. VIII p. 45.

(7) 2 Cor. 5:17.